



Panorama do mercado de peixes nativos no Brasil

ROGÉRIO SOUZA DE JESUS¹

¹ Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA, Avenida André Araújo, 2936, Aleixo, CEP 69083-000, Manaus, AM, Brasil; *email: djesus@inpa.gov.br

RESUMO

A produção e o consumo de pescado no Brasil ainda são marcados por controvérsias. Por um lado, o governo brasileiro ressalta as políticas públicas que vem sendo adotadas pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), no sentido de investir na infra-estrutura pesqueira e no mercado interno visando o aumento do consumo de pescado, formando parcerias com os municípios brasileiros, por exemplo, para que o peixe produzido pela aquicultura familiar chegue à alimentação escolar. Por outro lado, conceituados membros da academia ressaltam que nos últimos dez anos a pesca marítima estacionou, houve aumento da produção da aquicultura, pequeno aumento da pesca fluvial e cresceu bastante a importação de pescado. Ou seja, citam que houve melhoria, mas que a situação ainda é insatisfatória. Por seu lado, a sociedade civil organizada não deixa passar despercebido o perigo da degradação de áreas costeiras brasileiras devido à atividade aquícola e ressalta a alta mortalidade de peixes devido à contaminação ambiental.

Dentro desse contexto, podemos ressaltar também que a criação de peixes nativos passa por uma fase de crescimento acelerado, em que para melhorar a eficiência da atividade aquícola, os chamados “arranjos produtivos” estão sendo modificados e, para se tornarem mais competitivas, as cadeias vem sendo consolidadas por meio de técnicas modernas de cultivo, pacotes tecnológicos e estratégias avançadas de comercialização. No entanto, o déficit comercial do pescado no país ainda é muito elevado, apesar das oportunidades de mercado serem promissoras, tanto para a substituição de importações devido ao aumento da produção aquícola, quanto para atender ao aumento do consumo interno de pescado, que segundo o MPA deverá alcançar a recomendação da Organização Mundial de Saúde – OMS (12 kg/hab/ano) até o final de 2014.

Certamente que boa parte desse consumo será representado por peixes nativos, pois acredita-se que o futuro da piscicultura brasileira contará com a



participação decisiva das espécies nativas, por sua fácil adaptação ao cultivo, desempenho zootécnico e potencial gastronômico. Por exemplo, a cadeia produtiva de peixes redondos (tambaqui, *Colossoma macropomum*; pacu, *Piaractus mesopotamicus*; pirapitinga, *Piaractus brachypomus* e seus híbridos) vem se consolidando por possuir boas características zootécnicas, pelo bom resultado econômico e seu comprovado potencial de exploração tanto nos mercados domésticos como internacional.

As espécies mais importantes na criação de peixes nativos no Brasil, além desses chamados peixes redondos, são o pirarucu (*Arapaima gigas*), o matrinxã (*Brycon amazonicus*); o curimatã (*Prochilodus* spp), o cachara (*Pseudoplatystoma coruscans*); o jundiá da Amazônia (*Leiarius marmoratus*) e o híbrido dessas duas espécies, o pintado amazônico, entre outras.

Palavra-chave: pesca, piscicultura, peixes nativos, situação atual.